

Conselho de Segurança acha que Calha Norte detém M-19

Brasília — A possibilidade de crescimento do grupo colombiano M-19 e outros movimentos guerrilheiros numa região onde tradicionalmente prosperam focos de tensão e violência está de fato dirigindo as atenções do Conselho de Segurança Nacional para o Noroeste do Amazonas.

O governo brasileiro está bem informado sobre as ações do M-19 e acredita que a ocupação econômica e militar da região será um antídoto eficaz para essa

movimentação. O Conselho de Segurança, contudo, não supervaloriza a presença do M-19 e está tranqüilo com relação ao fato de que o Projeto Calha Norte será suficiente para neutralizar possíveis incursões de guerrilheiros em território brasileiro.

O Projeto Calha Norte foi idealizado exatamente para permitir a ocupação numa região praticamente desabitada e com escassa presença militar. Na avaliação do Conselho de Segurança Nacional,

a presença de cidadãos brasileiros nos garimpos sob controle dos guerrilheiros colombianos é apenas episódica e poderá ser revertida com o tempo.

O problema do tráfico de tóxicos na região da Cabeça do Cachorro também está sendo avaliado pelo Conselho, que acompanha o narcotráfico em várias outras regiões do país. De acordo com a avaliação do governo brasileiro, no entanto, o tráfico no Noroeste do Amazonas ainda não chegou a proporções alarmantes.

Exército: "Aventura é de todos"

"O Exército não é o personagem principal do Projeto Calha Norte, mas apenas um de seus atores", reagiu alto funcionário do Ministério do Exército, irritado com o que chama de "a transformação do Exército no bode expiatório de uma aventura que pesa ainda mais para o Departamento de Polícia Federal, o Itamarati, o Conselho de Segurança Nacional e o SNI".

"O Exército só entra em cena se o território nacional for violado", disse o oficial, ao comentar matéria publicada pelo JORNAL DO BRASIL no domingo, com o título "Ouro, narcotráfico e guerrilha agitam Cabeça do Cão". Ele informou que o governo elaborou o Calha Norte para ocupar uma região que, ainda hoje, "é terra de ninguém, disputada pelas grandes mineradoras e pela Igreja". O oficial afirma que o governo quer mostrar sua presença na área: "O governo do Amazonas foi o primeiro a aprovar o programa, porque nem ele próprio conseguia comandar a fronteira Norte".

O militar sustenta que os personagens mais importantes do programa são o Departamento Nacional de Produção Mineral, no controle da "voracidade" das mineradoras; o Departamento de Polícia Federal, na repressão ao narcotráfico e ao contrabando; e o Ministério das Relações Exteriores, Conselho de Segurança

Nacional e SNI, no levantamento e análise de informações para assessorar o presidente da República na tomada de decisões.

— "Nós podemos — disse o militar — dar apoio logístico a eles, dar acomodação, fornecer alimentos, indicar guias, mas nunca atuar em operações fora de nossa esfera. Embora não seja nossa missão, nossa presença física atua no papel de constranger ações ilegais". Embora apenas hoje o Calha Norte esteja em pauta — disse —, o destacamento de Cucuí, na agitada fronteira tríplice do Brasil, Colômbia e Venezuela, completo 46 anos no dia 26 de dezembro. Agora, o Calha Norte o transformou em pelotão.

Mais soldados

Ele comentou que os cinco novos pelotões que o governo constrói na Cabeça do Cachorro ou Cabeça do Cão, uma vasta região perdida no Noroeste do Amazonas, são partes do Calha Norte e não uma preocupação específica com a movimentação dos guerrilheiros do M-19 que atuam no lado colombiano. "Nunca houve penetração em território nacional e o que acontece do lado de lá é problema do outro país", afirmou.

Os cinco pelotões — em Iaurê, Querari, São Joaquim, Cucuí e Maturacá — preencheram o cronograma do Calha

Norte que deveria ser cumprido pelo Exército em 1986. Eles serão coordenados pelo 5º Batalhão Especial de Fronteira, previsto no calendário do projeto para ficar pronto este ano, que estará subordinado ao Comando de Fronteira do Rio Negro.

Boa parte dos 14 mil homens que o Exército terá a mais este ano, por conta de um decreto assinado em dezembro pelo presidente José Sarney, elevando o efetivo de 197 mil para 211 mil soldados, irá para os novos postos. Fortalecem uma região na qual a reduzida presença dos militares é considerada como variável crítica pelo Conselho de Segurança Nacional. Questionado se o Exército avalia o ponto de vista do CSN, o militar reage: "Isso é com eles".

O Exército sempre esteve na área que este ano começa a ocupar com os novos pelotões, através de acampamentos realizados pelos efetivos dos pelotões existentes em sistema de ródizio. Para o alto funcionário, a permanência de homens, às vezes por meses seguidos, enfrentando as condições de acampamentos em regiões inhóspitas, é desgastante. Por isso, aplaude a decisão do governo, indicando que o Exército a teria tomado a mais tempo, caso os recursos para as novas instalações não tivessem "aparecido apenas agora, no bojo do Calha Norte".